

# MUNDARÉU

**MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

**Terceira Temporada**  
**Episódio 17 – Homofobia**

Transcrição: Anita Ferrari, Pedro Ribas e Hugo Virgílio  
Revisão da transcrição: Soraya Fleischer

**Legenda:**

**Blocos**

**Sonoplastia**

**ABERTURA**

**Música de abertura: “Ode ao Bozo”, Gatunas. Solo de guitarra, melodia rápida com levada aventureira. Bateria ao fundo. Os instrumentos dão uma rápida pausa, para a primeira frase cantada da estrofe e, em seguida, acompanham a voz feminina num balanço de rock e ska. A guitarra faz o contratempo com a voz e, ao final da estrofe, a voz cessa e os instrumentos seguem em volume reduzido ao fundo da voz da apresentadora.**

**“Esse cara é retrocesso  
Ele não sabe de nada  
Governa por decreto  
Ainda banca de esperto e defende gente armada”**

**Soraya:** Oi, gente. Esse é o Mundaréu, um podcast de divulgação científica, produzido pela Universidade de Brasília e a Universidade Estadual de Campinas. Eu sou a Soraya Fleischer, da UnB, e com a minha colega Daniela Manica, da Unicamp, produzimos o Mundaréu. Nesse ano eleitoral, a nossa aposta é produzir episódios com argumentos, histórias e muita coragem **para fortalecer a comunidade antropológica e todas as comunidades com quem convivemos, trabalhamos e aprendemos.**

**Música de transição (música ska com solo de guitarra)**

**Soraya:** Esse episódio será sobre a homofobia, uma prática que infelizmente tem aumentado tanto em todo canto desse país nos últimos anos. Vamos conversar com a dupla Clóvis Arantes e Marcos Aurélio da Silva.

**Clóvis:** Sou Clóvis Arantes.

**Marco:** É, meu nome é Marco.

**Clóvis:** Sou educador.

**Marco:** Né, eu sou professor da UFMT.

**Clóvis:** Militante do movimento LGBT aqui no Mato Grosso.

**Marco:** Trabalho no Departamento de Saúde Coletiva, no Instituto de Saúde Coletiva, mas também atuo no programa de Pós-graduação em Antropologia.

**Clóvis:** Eu fundo o primeiro grupo LGBT em Mato Grosso no início dos anos 90. Nós damos início ao trabalho da militância: fundamos outros grupos. Começamos a organizar a Parada - hoje nós estamos na 18ª edição da Parada.

**Marco:** e agora tenho trabalhado nos últimos anos com Paradas LGBTs, né, **(música eletrônica futurista suave)** trabalhando bastante com a, com a de.. Cuiabá.

### **Música de transição (música futurista contínua)**

#### **BLOCO 1: CASA DO POVO**

**Soraya:** Esse episódio foi produzido de outra maneira. Não fizemos uma gravação com todo mundo presente, de uma só vez. Fomos conversando aos poucos e ao longo de várias semanas num grupo de zap, a equipe do Mundaréu fazendo perguntas e Clóvis e Marcos respondendo, debatendo conosco.

Naquele momento, novembro de 2021, os movimentos LGBTQIA+ estavam justamente tentando fazer avançar um projeto de lei lá no estado do Mato Grosso. Então, o Clóvis, de modo muito simpático, sempre começava suas respostas nos contando o que tinha acontecido naquele dia ou no dia anterior. E decidimos aproveitar esse diário de luta, eu vou chamar assim, quase como um diário de campo, esse outro artefato tão importante para nós da Antropologia.

Então, vamos lá para o Mato Grosso, mais especificamente, pra Cuiabá. Para dentro da Assembleia Legislativa do estado, acompanhando Clóvis e as demais lideranças por aqueles corredores, salas de reunião e tribunas. Como a Antropologia nos ensinou, vamos valorizar a descrição de cenas, com seus espaços, sujeitos, emoções. Vamos no detalhe, com histórias e depoimentos.

### **Música de transição (volta a música futurista, dessa vez muito suave)**

**Soraya:** Ainda em 2021, a comunidade LGBTQIA+, junto de alguns deputados aliados, escreveu e apresentou à Assembleia Legislativa do Mato Grosso um Projeto de Lei. Daí, no final daquele mesmo ano, no mês de novembro...

**Clóvis:** É, nós conseguimos, é, por conta da pressão, é, do movimento e de parlamentares desengavetar o projeto, projeto de criação do Conselho de Estado de Políticas Públicas pra População LGBTQI de Mato Grosso...

**Soraya:** Era o dia 12 de novembro de 2021.

**Clóvis:** É.. hoje, pela manhã, né, hoje sexta-feira, nós estivemos reunidos com a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, que é a comissão técnica que dá o parecer técnico do projeto. A Comissão deu o parecer favorável, mas eles estão muito inseguros e inseguras de como é que isso vai se dar na, na plenária de votação.

**Soraya:** Um deputado de lá fez um vídeo e disse assim:

**Clóvis:** Inclusive, ele que fez o vídeo, há/ com as vacas no curral, dizendo que agora ele tem que procurar qual vaca é LGBT, porque se não, se ele chamar de vaca ou de boi, ele pode ser processado, tem que chamar do nome certo, porque a turma do.. da LGBTfobia tá por aí.

**Soraya:** No dia 16 de novembro de 2021:

**Clóvis:** É que nós tivemos hoje a tarde toda na Assembléia Legislativa. O Deputado agora solicitou vistas ao projeto que tava pra ser votado, então, é.. não foi votado nessa sessão de hoje, fica pra semana que vem. É mais uma.. uma novela, eles vão tentando todas as possibilidades e o que o regimento interno, é, coloca, mas nós tamos confiante que nós vamos conseguir, é, uma maioria pra aprovação do Conselho, é... Estadual.

**Soraya:** E, nas entrevistas para os jornais ou nas redes sociais, alguns dos parlamentares da região têm feito pronunciamentos absurdos.

**Clóvis:** É aquele que disse que... a homofobia não é crime, que... a homossexualidade é doença. A Assembleia Legislativa ela tem esses, essas figuras né, que são, que são... caricatas também né, não caricatas como, como nós costumamos dizer nos shows de drags e tudo o mais, mas elas são caricatas porque elas encarnam personagens que são personagem grotescos, né, da nossa cultura. Principalmente da.. da mais atual né.

**Soraya:** Alguns dias depois, 19 de novembro:

**Todos:** [Num grito de guerra]. "As gays, as bi, as trans e as sapatão, tão tudo organizada pra fazer revolução! Uhul!"

(palmas e comemorações, e em meio disso há algumas falas indistintas ao fundo)

**Clóvis:** Invadimos a Assembleia Legislativa hoje. Fomos para o local onde é feita a sessão. Os deputa... os deputados vão ter que nos engolir!

**Soraya:** Numa segunda-feira, dia 22 de novembro, numa nova sessão ordinária:

**Clóvis:** Na Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, nós estávamos em, mais ou menos, seis pessoas LGBT's e tinha na mesma sala uns 45 pastores é... fundamentalistas. Nós não tínhamos direito de fala, mas teve alguns momentos de tensão entre os pastores e nós que estávamos no, no recinto, e agora segue nessa linha, eles vão lotar com.. é, fundamentalistas pra impedir de toda forma que o Conselho, é, seja aprovado na Assembleia Legislativa.

**Soraya:** E depois dessa pressão na Assembleia, os movimentos sociais estavam pensando assim:

**Clóvis:** Nós fizemos todos os cálculos a semana passada e dificilmente nós vamos conseguir aprovação, né, do Conselho, é, pelo... pelo que a gente já conhece da Assembleia, né.

**Soraya:** E, mesmo sendo minoria, na segunda-feira seguinte, no dia 29 de novembro, na sessão de Direitos Humanos daquela Assembleia Legislativa...

**Todos:** [Com palmas e gritos de protesto simultâneos] Machistas, machistas! Gente, gente, gente-machistas!-, gente, eu acho que é isso.

**Clóvis:** Acabei de chegar da Assembleia Legislativa (som de água ao fundo), hoje foi um dia histórico, né porque... a sessão da Comissão de Direitos Humanos foi muito tensa, ao final teve um bate boca *muito* grande, é, fundamentalistas evangélicos tomaram conta do espaço, mas a nossa comunidade mostrou, é, que não vai aceitar, é.. as agressões caladas (ouve-se algumas vozes ao fundo).

**Todos:** [Algumas das frases simultâneas em meio a um bate boca] Os deputados... / Vamo ficar em silêncio? Vamo ficar em silêncio? /Respeita! /Machista! Pastorzinho machista! /Machista!

**Clóvis:** Só quem vive essa emoção e eu ainda não consegui me refazer, é, da emoção de ter estado naquele espaço hoje e ver a nossa comunidade reagir à agressão dos fundamentalistas evangélicos, sabe? É.. são vitórias, poucas, porém, que fazem com que a gente diga "nós temos que resistir", porque eles tão tentando ocupar, é, e... e nos invisibilizar, né, e continuam dizendo que... é, essa história de assassinatos LGBTfóbicos são... é, é criação da nossa cabeça, que isso não existe, né.

**Soraya:** Além dos militantes, havia também a imprensa registrando o que aconteceu ali naquele dia na Comissão, como lembrou o Clóvis:

**Clóvis:** Hoje foi muito.. é, simbólico, porque ficou muito claro, né, pra imprensa, pra, eu a- eu acho que é, é um pouco pra população que.. é o que tava acontecendo ali era uma, uma pauta moral, não uma pauta de políticas públicas, né, então acho que isso foi interessante.

**Soraya:** E aí, no dia 1º de dezembro de 2021:

**Clóvis:** Só passando pra, pra.. pra informar, nós tivemos hoje a votação na Assembleia Legislativa, o conselho, a criação do conselho foi reprovada por 11 votos a 5. Eu acredito que não é só no estado de Mato Grosso, mas essa onda é genocida, fascista, é, assassina, porque quando você nega a possibilidade de você criar um equipamento de direitos é, pra uma população tão vulnerável quanto a população LGBTQIA+, você tá negando a vida e você tá apoiando é, a morte, o assassinato, a exclusão da nossa população.

**Soraya:** Os números mostram a exclusão radical dessa população, como lembrou o antropólogo Marcos Aurélio, que veio nos acompanhando nesse episódio:

**Marcos:** E vale lembrar dos dados que constam lá nas páginas finais desse Projeto de Lei que previa a criação do Conselho. Então, "a cada 26 horas uma pessoa LGBT é assassinada ou se suicida no Brasil; mais da metade dos assassinatos de pessoas LGBT no mundo ocorrem no Brasil; 67% dos assassinatos são direcionados contra travestis e mulheres transexuais; 118 mortes por ano é a média brasileira de assassinatos de pessoas trans entre 2008 e 2019."

**Soraya:** O Clóvis e o Marcos estão nos contando de um Estado, de uma Assembleia Legislativa. Mas a gente aproveita para lembrar que essas estratégias todas, quer dizer, engavetar projeto, pedir vistas, negar o direito de fala das pessoas presentes, é, obstruir o espaço, adiar votação vêm acontecendo de modo generalizado - no país todo.

**Clóvis:** E principalmente o Estado, Marcos sabe disso né, é, o nosso Estado é um Estado que está reproduzindo a política nacional né, do, do.. **bjp**, e tem deputado seguindo fielmente essa

cartilha.. Terrivelmente a gente, é... avança dois passos e retrocede *muitos* porque, é... é, a, a.. a maré contra tem estado super organizada aqui no estado, né? Então, é... não é diferente do que tá acontecendo no Brasil. E.. mas nós vamos, vamos tá ali, até porque se você não tiver dizendo "olha nós estamos aqui, nós existimos, nós resistimos, mesmo que vocês não votem essa lei, nós vamos continuar existindo". A lei, ela é importante porque ela nos ajuda, porque ela nos garante políticas públicas, mas se vocês não a fizerem, nós vamos continuar aqui, né, nós vamos continuar nos organizando pra 2022.

### **Música de transição (Toca música tecnobrega, típica de parada LGBT)**

#### **PARTE 2: RUA DO POVO**

**Daniela:** Bom, vamos lá, eu sou a Daniela Manica e nesse segundo bloco, eu queria aproveitar a experiência de pesquisa antropológica do Marcos pra gente entender melhor como que as fobias sexuais acontecem. Ele já fez trabalho de campo sobre carnaval, cinema LGBT e paradas gays. E, mais recentemente, ele tem pesquisado os serviços de saúde pra essa população. Como a rua, a cidade e a saúde se encontram, Marcos?

**Marcos:** Tenho trabalhado principalmente o direito de estar na cidade né, das pessoas LGBTs, o direito de circular, o direito de ter acesso à saúde, né, porque se a gente for fazer uma relação entre o direito de circular pela cidade, o direito de procurar os serviços de saúde, tá muito ligado, né, então a mesma.. né, as mesmas situações de LGBTfobia que impede muitas vezes que essas pessoas tenham sua vida, né, de, de transitar na rua sem ser alvo de violência, ou de, do escárnio, ou mesmo dos olhares de reprovação. É o mesmo, a mesma situação que faz com que elas fiquem alijadas, né, dos serviços de saúde e evitem muitas vezes o, o, a busca desses serviços e busquem automedicação e por aí vai né. Então, historicamente né, o, a população LGBT ela tem sido alijada da rua, né. Hoje, ela claro, ela tem, digamos que ela possa ter um pouco mais de circulação né, mas ainda não são todos os LGBT's que se sentem confortável para andar na rua, né, sem ser agredido, sem ser, é.. e quando eu digo andar na rua não é só é, é, andar e circular, né, é também trabalhar, é também poder entrar numa loja, né, ser bem atendido e tal.

**Clóvis:** Então não dá, não precisamos ir longe: por que que... é... grande parte das pessoas travestis têm problemas de câncer de próstata? Por quê? Porque não tem acesso à saúde. Imaginem vocês uma travesti, né, é.. que ainda não tem a sua documentação retificada que vai a um posto de saúde, que esse posto de saúde não tem pessoas sensibilizadas ou.. que não existe política de inclusão, né, da questão do, do nome social, da questão dos ambulatórios específicos, é.. essas pessoas acabam não indo, não procurando, né, os, os..os equipamentos de saúde, né. E é por isso que a gente vê muitos problemas por exemplo no uso do silicone com as travestis. Que elas acabam, por conta de não ter acesso à saúde, a, a, aos equipamentos de saúde, fazendo uso do, de silicone.. é-é... industrial, é, óleo de-de avião. Então a gente tem mil coisas que a gente poderia dar exemplo, se você conversar com, com a maioria das travestis, elas não fazem uso, é, da saúde pública.

**Marcos:** O direito à cidade, né, o direito de circular por aí é um direito à vida, né, é um direito de estar no mundo, né, sem, sem depender, né, d-d-d... sem permitir permissão, né? Isso é um direito de ir e vir que todo mundo tem e que no caso da população é, não-não LGBT, né, da população não LGBT, talvez essa-essa ideia do direito ir e vir é muito naturalizada.

**Clóvis:** É importante pensar nessa questão dos espaços, que as cidades elas são pensadas pela heteronormatividade, né, heteronormatividade branca né, heteronormatividade que tem um poder aquisitivo, né. Elas não são pensadas pra incluir todas as pessoas, né.

**Daniela:** Essa pauta da discussão sobre homofobia e violência contra a população LGBT é muito importante. Eu acho que é, as questões de gênero foram, né, a base de de apoio, né, da entrada desse governo e de- e dessas políticas de destruição.

**Clóvis:** E... grande parte das cidades, as pessoas LGBTQI não têm espaços, né, onde elas possam, principalmente, é... deixar com que os afetos, é, se coloquem, né. Se você vai num bar e você não pode trocar afetos com a pessoa que você deseja trocar afetos então esse espaço é um espaço repressor, né, ele é um espaço que reprime os afetos, que reprime os corpos. Então geralmente a cidade, as áreas de lazer, elas são pensadas pra sociedade heteronormativa, né?

**Daniela:** Eu concordo, Clóvis. E acho que a ideia é bem essa mesmo. Eu-eu vejo muito essa.. esse mov- esse movimento conservador como reativo às políticas- poucas políticas públicas que nós tivemos, é.. voltadas para a questão de gênero e LGBTQIA+.

**Clóvis:** A população LBGT elas têm, e muitas vezes, é, os espaços que são espaços es-específicos né, que são chamados de guetos né, é, e aí nós queremos de colocar gueto como resistência, como espaço de resistência, como espaço de possibilidade da- dos corpos LGBT's é.. interagir, dos corpos L- é, LGBT's é... poder efetivar seus afetos, né (sons de criança e de ônibus passando ao fundo).

**Marcos:** Eu pensei até, lembrei da Mary Douglas né, "Pureza e perigo", em que ela vai falar justamente isso, né? Tudo aquilo que tá fora do lugar, representa uma poluição, representa um perigo né? Então, é.. eu acho que é importante a gente mostrar que não.. né, que não tem perigo nenhum, qual o perigo né?

### **Transição musical (Toca música tecnobrega, típico de parada LGBT)**

**Marcos:** Ao mesmo tempo, a rua né, historicamente, ela sempre foi importante para a população LGBT masculina, a população trans também, que encontraram na rua suas formas de sociabilidade, nos pontos de pegação ou de prostituição para além da casa. A rua como espaço de sociabilidade. Então estar na rua e produzir essa sociabilidade mesmo com a, com a, né, com a chance da violência acontecer a qualquer momento, é uma questão de resistência, digamos assim, né, é, quando se tem êxito nisso, digamos que a gente produz saúde de alguma forma, ou seja, quando a gente territorializa um espaço que nos é negado, quando a gente territorializa uma praça e essa praça passa a ser daquele grupo LGBT, sejam gays, travestis, trans, né. Quando é possível, isso se torna uma produção de saúde, estar na rua, é, e ter o abrigo, né, dessa sociabilidade.

**Soraya:** E falando nisso, né Marcos, nada mais "rua", assim no sentido público, no sentido de sociabilidade e comunidade do que a parada gay. Como é fazer pesquisa numa festa como essa? E para responder isso, já aproveita para descrever a parada de Cuiabá para nós?

**Marcos:** Então, respondendo à pergunta da Soraya sobre a parada. Eu gosto de ficar lá no meio do povo observando e tal. A parada de Cuiabá, então, eu fiz essa observação participante por, praticamente, desde 2014 até 2019 e publiquei três artigos falando dela. Ela é uma parada que, por um lado, não deixa nada a dever para as grandes paradas que a gente tem - apesar do número, obviamente, ser menor. Eu sempre digo assim: tu ter 200 pessoas LGBT na rua ou ter

2 milhões - tirando as devidas proporções - é o mesmo efeito! Assim: é ocupar a rua, mostrar que estamos vivos, estamos aqui! Mas as paradas de Cuiabá alguns anos chegou a 10 mil, alguns anos chegou a 5 mil e não é pouco 5 mil pessoas na rua, né. Isso tudo cria uma massa, né, uma ideia de coletivo. Por mais que a gente não seja/ por mais que nós da comunidade LGBT não sejamos tão unidos assim - a gente sabe que tem as dissidências dentro - mas politicamente é uma lição para todo mundo. Nesse momento da parada, a gente apara as diferenças e se junta num discurso único, que é pedir o fim da violência, que é pedir mais emprego, que é pedir respeito, né, pedir o fim desses absurdos que a gente tem tido nas câmaras legislativas, né. Então é uma Parada que essas mensagens anti-violência estão sempre presente, mas ao mesmo tempo ela **(toca som ao ritmo com batidas eletrônicas fortes e animadas)** é uma festa - ela não deixa de ter esse veio de festa, até o Clóvis pode depois explicar, né, porque ele está desde a primeira, ele é o grande organizador de todas as nossas paradas aqui em Cuiabá.

### **Transição musical (o ritmo tecno continua)**

**Clóvis:** Nós estamos há dezoito anos à frente da Parada né, e.. é engraçado porque... nós começamos a Parada, até a décima parada, ela foi construída por grupos. Um grupo, né, é... que é o Grupo Livremente, e aí nós com parceria com... com algumas casas noturnas e tudo mais, nós realizamos as Paradas. Né, de forma muito criativa a gente.. pensava muito na questão, os temas eram discutido longamente.. e a gente tinha um.. um processo, todo um processo e.. depois a gente passa a fazer agora inclusive, a gente faz a Parada num coletivo, né, esse coletivo são vários movimentos né é a Juventude Socialista, é a... a JUBS, a UNE, a.. UJS, a JPT, o grupo Livremente, é a União das.. de Brasileira de Mulheres, então é um coletivo que agora coordena né. Por isso que nós chamamos de coordenação da Parada. A Parada até o ano passado, o ano retrasado, ela era a Parada de Cuiabá, né. **(toca um tecnobrega, típico de parada LGBT)** As pessoas do interior elas vinham, mas elas vinham festejar em Cuiabá, elas vinham festejar uma Parada de Cuiabá. A partir desse ano, a Parada passa a ser de âmbito estadual, então nós temos uma coordenação que ela é estadual.

### **Transição musical (continua a tocar o tecnobrega)**

**Marcos:** E uma ocupação que é festiva, que é política, né, ao mesmo tempo que está todo mundo dançando atrás do carro alegórico tem sempre uma mensagem política acontecendo, mesmo que a mensagem política seja uma festa, tipo o momento que vai acontecer o beijaço. Teve um ano que aconteceu um beijaço na frente da prefeitura, que na época até já tinha uma questão com a assembleia legislativa e tal. Aí se parou na frente da prefeitura como um símbolo dos poderes para fazer um beijaço - era o único órgão governamental que a parada passaria na frente. Então, assim, é um... ela é aquilo que eu falo, né: as paradas, elas causam uma inscrição na cidade. Como aquela inscrição rupestre que faz aquele cavuca na pedra para deixar uma marca, a parada ela faz isso na pedra da cidade, na paisagem urbana. Porque ela para o trânsito, impossível não ver. Ninguém vai simplesmente ignorar que aquilo está acontecendo.

**Clóvis:** Os corpos nas ruas no dia da parada, eles incomodam muito. Eles não estão ali seguindo regras. Eles estão ali justamente para quebrar as regras estabelecidas por essa sociedade heteronormativa. Então, eles incomodam muito.

**Marcos:** Mas, no geral, eu acho que as pessoas ao verem uma multidão, a força da coletividade, acho que a Butler fala um pouco disso num dos últimos livros dela, o poder da assembleia, o poder de estar junto, de criar essa visualidade na rua, dizer que a gente não é solitário, dizer que a gente não é uma... assim... uma minoria. **(toca som ao ritmo com batidas**

**eletrônicas fortes, graves e animadas)** A gente não é minoria. Claro, se a gente for pensar em termos numéricos isso também é questionável, mas a gente não é menos, a gente não é menor, a gente é grande! Qualquer coletivo se torna grande quando faz essa ocupação da rua.

### **Transição musical (continua a tocar as batidas eletrônicas)**

**Daniela:** Como uma festa de rua como a parada de Cuiabá pode ajudar a mudar mentalidades? Como vocês veem isso?

**Clóvis:** É, toda essa possibilidade, essa potência que o Marcos colocou né. Eu me lembro que a nossa primeira parada, ela trouxe duas mães né, e uma mãe, duas mães de meninos que eram militantes do da nossa ONG. E uma mãe dizia pra outra, é: "meu filho ama o filho dela. Eu amo meu filho." Então era muito significativo que era muito simples né, mas era muito significativo pra gente tá na rua fazendo isso com cartazes, com faixas, com aquelas duas mães em cima do trio elétrico, num período em que a gente falava pouco, em que as mães saíam pouco do armário, né. Então isso é muito simbólico, isso é muito simbólico. a família quando sai do armário, ela arrasta um monte de gente junto, ela não luta só por uma pessoa, só pelo seu filho, só pela sua filha, ela luta por muita gente. Então a parada tem essa simbologia maravilhosa, né.

**Marcos:** Eu acho que aí, no caso de mudança de mentalidades, eu acho que tem uma coisa muito interessante para pensar, eu até digo que as duas imagens que mais representam a parada para mim são: é o beijo entre pessoas do mesmo sexo e o corpo trans. As travestis, principalmente, elas gostam de tá com roupa quase mínima, às vezes só um biquinho, uma saia curta. Elas mostram o corpo, elas gostam de mostrar esse corpo. Então essa demonstração dessa corporalidade, ela é muito política. Ela é quase que um troféu para elas. Ao mesmo tempo que esse beijo entre pessoas do mesmo sexo, tem o momento do beijação ou os casais LGBT, em geral, que estão aí e que acabam se beijando em público. É pensar que naquele beijo que a sociedade quer que fique no armário, até "aceita" que seja em quatro paredes. Como um ou outro sempre fala "que se vê vai dar porrada e que tem que ser dentro das quatro paredes" então é isso, né. Quando as pessoas dizem que "Eu não vou beijar só dentro das quatro paredes", isso é muito político. Isso daí vai criando uma visualidade. Muda as mentalidades? Eu acho que sim, né. Talvez aquela pessoa não deixe de ser homofóbica, mas ela vai ter que aprender que a cidade é tanto dela quanto dessas pessoas, desses sujeitos LGBTs. Por isso a importância da rua, pra mim, é porque ela tá, justamente, em oposição a ideia do armário. Desse armário que muitas vezes a gente tem que voltar com medo da violência, a gente tem que voltar para ter que se relacionar bem com a família, porque tem que esconder. Então a parada é chutar a porta do armário, ela é o chute na porta do armário. E também, para onde a gente não vai voltar! A gente até pode evitar certos lugares e isso a gente até acaba fazendo (voltar) para certos lugares, certas boates, certas praças, porque a gente pode ser vítima de violência homofóbica. Mas isso não quer dizer que a gente vá voltar para o armário, definitivamente, a gente não vai voltar para o armário.

### **Transição musical (toca uma música de boate, rápida, animada e com batidas graves)**

**Marcos:** Então, a gente precisa lutar por esse direito à rua. E eu acho que a parada celebra isso. É como se a gente dissesse, "Eu tô ocupando a rua durante três ou quatro horas, essa rua é nossa. Mas daqui a pouco a gente vai voltar pra casa e a gente não sabe o que vai ser". Então é muito importante esse espaço em que simbolicamente a gente..., quem é da antropologia a gente sabe o quão esses rituais eles têm essa cara. Costumo dizer que são esses rituais de rebelião do Gluckman, né: que é dizer que a gente pode fazer uma rebelião muito maior, cara! A gente pode! A gente só quer o direito, a gente não quer privilégio, nunca foi privilégio. É só o

direito de estar por aí, de existir e, muitas vezes, ser até invisível, sabe. Ninguém me pergunta a minha sexualidade em público, o meu gênero e tal. Então é mais ou menos isso que a questão das paradas e a questão das ruas trazem. Gente! Ganhei o prêmio, **(toca um tecnobrega, típico de parada LGBT)** o áudio mais longo até agora! Beijo!

**Clóvis:** Um beijo no coração de cada um e cada uma. **(o tecnobrega vai se dissipando)**

## FECHAMENTO

**Daniela:** No corredor dessa Assembleia Legislativa estadual, do lado de fora da porta do gabinete de um dos deputados, **(toca timbre curioso)** há uma figura humana feita de papelão em tamanho natural. É a imagem do presidente vestido de xerife, com, chapéu e calça de couro, cinto com fivelão e um coldre segurando um revólver. Ao redor do pescoço, uma bandeira do Brasil fazendo as vezes de um lenço. Na altura do peito, alfinetada na lapela do sobretudo de couro, uma estrela dourada.

Como disse o Clóvis, a Assembleia é a casa do povo, é um espaço público. Mas não é o único espaço público e, como a comunidade LGBTQIA+ cuiabana está nos mostrando nesse episódio, não tem sido ocupado apenas com xerifes. Se a Assembleia tem sido ocupada, outros espaços também têm sido. E aparecer, mostrar a cara e o corpicho, ocupar a cidade é muito importante. Se, no Parlamento, dois passos foram dados para trás, na rua, são passos de dança sempre pra frente e em muitas direções.

**Soraya:** Se saímos do armário nas ruas, queremos sair do armário nas leis, nas instituições, nos serviços e nas políticas públicas. Mas Clóvis e Marcos nos mostraram como tem sido difícil garantir os direitos da comunidade LGBTQIA+ no Mato Grosso. E o que acontece nesse estado, acontece de modo muito semelhante nos outros estados do Centro-Oeste, nas outras regiões do país. As estratégias para engavetar projetos, pedir vistas dos projetos, tornar tudo moroso são semelhantes. É uma agenda política, que não é nova, mas está mais escancarada agora. Mas, como diz Pedro Ribas, da nossa equipe do Mundaréu, nem roupa a gente tem para voltar pro armário. Já estamos fora, bem fora. E queremos respeito. Mais do que isso, queremos boas políticas de saúde, de educação, de segurança, de cultura. Queremos Paradas cada vez mais numerosas, diversas e lindas, trazendo nossas mães, nossos pais, filhos, vizinhos, colegas de condomínio e do trabalho, da igreja...

**Daniela:** A gente tem que trabalhar, tentar chegar, achar uma forma, né, chegar às pessoas que a gente consegue, porque tem pessoas que a gente já sabe que não vai conseguir, que não querem ouvir, que não tem diálogo, né? Mas aquelas que a gente talvez consiga sensibilizar é pelas histórias, né, porque pelos argumentos a gente faz em outros lugares, de outras formas. Eu acho que no nosso caso é isso, é assim, sensibilizando pelas histórias. Essa ideia do direito à cidade, da circulação pela cidade, e eu acho que isso é muito palpável, é uma situação que a gente consegue visualizar, consegue empatizar

**Soraya:** Isso mesmo, Dani. E para quem ainda acha que homofobia é “criação da nossa cabeça”, eu quero terminar lembrando da **(toque de música melancólica)** Julya Madsan. Ela foi brutalmente assassinada enquanto produzíamos esse episódio. Lá na cidade de Juína, que fica no extremo norte do estado do MT, essa liderança LGBT, era também liderança da juventude do PT e ela foi encontrada só depois de 4 dias, com muitas facadas por todo seu corpo. Uma tristeza sem fim.

**Soraya:** Agradecemos um monte ao Clóvis e ao Marcos. Também sou grata à minha parceira querida de Mundaréu, a Daniela Manica, as estudantes da UnB e da Unicamp que montaram esse episódio conosco, Anita Ferrari, Hugo Virgílio, Julia Mendes e Pedro Ribas e ao Gabriel Marçal que ajudou na edição de som. Lembro também do Lucas Carrasco que tem criado as trilhas internas aos episódios dessa temporada. E toda a equipe do Mundaréu que sempre ajuda a divulgar e fazer circular o podcast. Nas redes sociais e também nas suas redes pessoais. A terceira temporada será do Mundaréu embalada pela música da banda paraibana Gatunas.

**(Toca trilha sonora composta por Gatunas)**

Agradeço ao pessoal lá de João Pessoa! Na página do Mundaréu, estão todos os materiais citados nesse episódio e os créditos completos. [www.mundareu.labjor.unicamp.br](http://www.mundareu.labjor.unicamp.br) Nós integramos a Rádio Kere-kere, uma rede de podcasts de divulgação científica da Antropologia: [www.radiokerekere.org](http://www.radiokerekere.org)

Um abraço bem grande e seguimos na luta.